

## LEITURA LITERÁRIA: UMA VIAGEM À REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA DE CORDEL

*Kathianne Carneiro Borges Carvalho*(UFT)

[kathianne-carvalho@gmail.com](mailto:kathianne-carvalho@gmail.com)

*Eliane Cristina Testa* (UFT)

[poetisalia@gmail.com](mailto:poetisalia@gmail.com)

### RESUMO

O contato com a literatura possibilita ao leitor a aquisição de conhecimentos relacionados a cultura da sociedade. A leitura literária contribui para a formação de um leitor que construa com autonomia os diferentes sentidos do texto e seja capaz de compreender a representação da realidade por meio da linguagem. O presente artigo surge da necessidade de refletir sobre a representação da mulher na Literatura de Cordel – poesia popular com características baseadas no romanceiro tradicional, auxiliando na transformação social por meio da abordagem de diferentes temáticas. A metodologia utilizada para o desdobramento dos objetivos foi a revisão bibliográfica tendo como referência teórica os autores, Cosson (2018), Candido (1995), Galvão (2001) e outros autores que abordem a representação da mulher na literatura. Desse modo os textos em cordel enquanto artefato da cultura popular do Brasil, tornam-se objetos de análise a fim de conhecer as diferentes maneiras que a mulher é representada no cordel por diferentes escritores, como também acompanhar suas conquistas e valorização diante de tanta opressão entre o século XX e XXI.

#### Palavras-chaves:

Leitura literária. Poesia popular.

Literatura de Cordel. Representação da mulher.

### ABSTRACT

The literature contact enables the reader knowledge acquisition related to society culture. Literary reading contributes to the reader's formation who constructs autonomously the different meanings of the text and they be able to understand the reality representation through language. This article comes up with the necessity of reflecting about the women's representation in the Cordel Literature – popular poetry with characteristics based on traditional romance, assisting to the social transformation through the different subjects. Bibliographic revision was used as methodology for unfolding the objectives. Cosson (2018), Candido (1995), Galvão (2001) and other authors who discuss the women's representation in the literature they were the theoretical reference for this work. Thus the text written as Cordel as artifact of Brazil's popular culture turn out to be analyze objects with the goal in knowing how women are represented in many ways in the cordel by different writers, also to follow their conquests and valorization before so many oppression between 20th and 21st century.

#### Keywords:

Cordel Literature. Literary reading.

Popular poetry. Women's representation.

## **1. Introdução**

*“A literatura mostra, pois, o que se esconde; e mostra o que está encoberto de modo organizado e coerente, permitindo sua compreensão e interpretação.” (Regina Zilberman)*

Na literatura nos deparamos com uma organização interna, rica em diferentes e possíveis significados disponíveis ao leitor para serem analisados, compreendidos e interpretados. Os textos literários em suas especificidades, carregam consigo uma estrutura única que contribui para a construção de significados e transmissão de informações específicas para cada objetivo comunicativo.

O tema abordado neste artigo, surgiu na necessidade de compreender a importância da leitura na formação do leitor literário, tendo como foco principal a Literatura de Cordel, por tratar-se de uma literatura de fácil compreensão e que aborda fatos e assuntos ligados ao contexto social de forma simples e mais acessível a diferentes níveis de leitores. Além disso, uma possibilidade de reflexão sobre como a mulher é representada nos cordéis, levando em consideração as mudanças ocorridas socialmente até os dias atuais.

Embora a leitura de textos esteja presente na prática de leitura cotidiana, há um número de indivíduos que não tem o hábito de realizar leituras literárias. Isso ocorre muitas vezes pela leitura tornar-se algo obrigatório, uma ação mecânica chata e nem um pouco prazerosa e por outro lado pela dificuldade de compreensão do texto literário, devido a linguagem ser mais rebuscada e maior dificuldade de compreensão. Para o processo de leitura, o leitor precisa manter uma relação com o texto lido, compreendendo-o, interpretando-o, levando em consideração vários fatores importantes: contexto de produção, estrutura organizacional, elementos discursivos, perfil do autor, dentre outros.

Diante disso, o intuito desse trabalho é analisar a Literatura de Cordel como gênero literário e com particularidades que contribuirão para a formação do leitor literário. Por se tratar de uma literatura de fácil compreensão, com características voltadas para a poesia popular, com traços na oralidade, preço acessível a todas as camadas sociais e por retratar aspectos relacionados a realidade, é que seu uso contribuirá para a formação de um leitor mais engajado criticamente com os problemas sociais, principalmente quanto a posição e o papel da mulher na sociedade

atual.

Entende-se que a Literatura de Cordel como recurso para a formação do leitor, está ligada a origem popular e não deve ser considerada somente pelo grau menor ou maior de influência sobre a produção artística de autores consagrados, mas também pelo seu grande valor enquanto produção literária, pela riqueza de imagens, de ritmos e particularidades que contribuem para sua valiosa importância para o processo de leitura literária (ALVES, 2008).

A metodologia utilizada para o desdobramento dos objetivos foi a revisão bibliográfica tendo como referência teórica os autores, Cosson (2018) que reflete sobre a formação do leitor literário num universo textual de informações, desenvolvendo o papel humanizador; Candido (1995) a literatura como direito básico ao ser humano; Galvão (2001) que trata da Literatura de Cordel e outros autores que destacam a representatividade da mulher na literatura.

Desse modo, os textos em cordel enquanto artefato da cultura popular do Brasil, tornam-se objetos de análise a fim de conhecer as diferentes maneiras que a mulher é representada no cordel por diferentes escritores, como também acompanhar suas conquistas e valorização diante de tanta opressão presentes até o século XXI.

## **2. A leitura literária: aquisição de novos saberes**

Para tratar sobre a formação do leitor literário, é importante refletir que esse processo deveria começar na infância e em casa pela família, conjuntamente com a escola, uma vez que ambas têm papel fundamental nesse processo tão importante na formação de um leitor que possa construir sua própria trajetória como leitor competente e crítico. O processo de leitura para Lajolo (*Apud* ZILBERMAN, 1984):

[...] não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO *apud* ZILBERMAN, 1984, p. 59)

O papel social da literatura leva em consideração a experiência literária do leitor em sintonia com as práticas existenciais do mundo que o cerca. Na opinião de Silva (2007, p. 69), “A compreensão do mundo e a

compreensão de si podem ser enriquecidas através da leitura”. Em outras palavras, Silva e Zilberman (1990, p. 24) expressam “há que se ler literatura para romper o silêncio, desentrevando, aceitando e retroalimentando os sentimentos e a inteligência do mundo”.

A prática da literatura busca explorar potencialidades encobertas pelas arbitrariedades dos discursos padronizados da sociedade letrada. Por essa exploração, o mundo é reconstruído pela força da palavra, construindo um modo próprio de conhecer o mundo para compreendê-lo e transforma-lo. Nesse sentido, a leitura literária “dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p. 36).

Para o leitor literário, no contato com o texto literário, é ofertado uma amplidão de conhecimentos capaz de torná-lo um ser completo. A literatura dignifica o homem, humaniza-o. A humanização do sujeito pela literatura é explicada por Antonio Candido (2004):

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p. 180)

O processo de leitura literária busca conhecimentos relacionados tanto ao eu leitor como o que se refere ao outro. Por isso, é um fenômeno complexo, que, quando é explorado possibilita ao leitor uma organização de ideias, um afloramento de emoções que o leva a adentrar em um mundo que não é só seu. “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado.” (CANDIDO, 2004, p. 177). O leitor participa ativamente desse fenômeno em busca de um sentido escondido, mergulhando em um mundo submerso de diferentes sensações e sentimentos. Como enfatiza Cosson (2006, p. 17), “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos”.

A construção de sentidos para entendimento dos textos literários lidos, corresponde a construção de significados que levam em consideração a relação com outros textos. Além disso, é necessário uma outra relação - outros autores, refletindo sobre o período de produção, a linguagem literária empregada. Nessa construção de sentidos, o texto literário passa a ser o eixo principal à compreensão, à formação de um leitor crítico ca-

paz de relacionar o que foi lido com o mundo que o cerca. O leitor ao construir sua experiência de mundo por meio da literatura, cria um universo ficcional cheio de imagens mentais que fazem parte do seu próprio mundo (ROXEL, 2013).

É importante ressaltar que a literatura deve fazer parte de todas as fases do ser humano, desde o infantil até a fase adulta. Nesse percurso, prepará-lo progressivamente para o seu crescimento como leitor. Com isso, à medida que crescem, os textos vão se modificando quanto a extensão, os temas abordados e a complexidade da literatura. Textos mais longos e complexos são inseridos no ato de ler e novas habilidades são alcançadas diante de cada leitura realizada.

### **3. *A poesia popular: patrimônio cultural imaterial do Brasil***

A poesia popular tem sua origem na Era Medieval no movimento literário do Trovadorismo. As produções poéticas desse período faziam parte da oralidade, uma vez que a escrita ainda não havia se consolidado e não era algo que estava inserido na vida de uma grande parte da população. Todavia, o acesso à escrita era exclusivamente pertencente ao clero e às classes mais privilegiadas.

A popularização da escrita, tornou possível a documentação de textos poéticos que ora eram apenas cantados. A oralidade era o recurso utilizado pelos poetas para a produção da literatura popular. Um dos grandes estudiosos da oralidade Paul Zumthor (1997, p. 10), afirma que “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas”. Isso contribuiu para que os textos escritos tomassem um novo espaço dentro das produções literárias da época. Os folhetos ibéricos passaram a representar-se como documentação de histórias populares e registros de fatos e acontecimentos sociais.

A produção de textos orais, cedeu espaço para a produção literária escrita, porém a poesia popular continuou desempenhando seu papel social. A oralidade, presente nas produções, manteve-se conservada na linguagem empregada e nos aspectos tradicionais, no entanto, mesmo sendo utilizada, aos poucos suas marcas foram diminuindo na produção dos textos escritos. Segundo Zumthor (2003, p. 21) uma obra mantém-se viva por séculos pela sua transmissão oral e pela sua tradição oral.

O surgimento da poesia nesse período medieval, deu-se pela facilidade de memorização. A presença do ritmo e da musicalidade na formação do texto poético, facilitava aos cantadores a memorização de muitos textos que poderiam ser utilizados em vários momentos posteriores. Com a acumulação na memória de um vasto número de produções poéticas, era possível disseminar a cultura local.

Os folhetos ibéricos começaram a percorrer toda a Europa entre os séculos XV a XVIII, sendo este último século o momento em que muitas produções literárias, com diferentes temáticas, foram traduzidas, ampliando e fortalecendo a produção Literária de Cordel.

#### **4. A Literatura de Cordel no Brasil**

Com a expansão marítima e a colonização das Américas, a literatura de cordel passou a ser propagada para os países latino-americanos. A Literatura de Cordel, no Brasil, recebeu forte influência do modelo português, trazido pelos colonizadores. Ana Maria Galvão (2001) considera inegável essa influência na constituição da Literatura de Cordel brasileira. Tavares Junior (1980), ainda ressalta que no país as regiões que receberam mais valores trazidos pelos colonizadores, foram as regiões Norte e Nordeste, onde o cordel desenvolveu-se com mais vigor, passando a fazer parte da cultura do povo nordestino.

Na opinião de Câmara Cascudo (1994), o primeiro poeta a produzir os romances em versos, foi o escritor paraibano Silviano Peruá de Lima (1848–1913). No entanto, quem difunde a impressão das histórias em folhetos, foi o paraibano de Pombal, Leandro Gomes de Barros<sup>183</sup> (1865–1918). Sua primeira produção em folheto ocorrera em 1893, quando passou a viver exclusivamente da produção e venda de sua produção literária. Nesse período, as tipografias se expandiram e esse grande artista, além de escritor, tornou-se editor e proprietário de tipografias juntamente com João Martins de Athayde<sup>184</sup>, responsável por inovações na

---

<sup>183</sup> Figura marcada pelo seu pioneirismo na literatura de cordel. É tido como o primeiro a colocar versos cantados no papel e vendê-los por onde passava.

<sup>184</sup> poeta popular e editor de folhetos foi o desbravador da indústria do folheto de cordel no País. Industrializando e comercializando sua produção e a de outros artistas, criou uma grande rede de atividades lucrativas no Nordeste, que se espalhou para outras regiões brasileiras.

impressão dos folhetos, atribuindo-lhes forma e regras que são seguidas e respeitadas até hoje.

A Literatura de Cordel brasileira não perdeu as estruturas básicas oriundas da produção literária de origem. Galvão (2001, p. 29) enfatiza: “Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam, desse modo, relacionados à sua semelhante portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII.”. Além de expressar a cultura popular por atender diferentes camadas sociais, ainda é possível identificar um compromisso social, instrucional, informacional e de divertimento ao público. Devido a linguagem de fácil compreensão, um custo baixo de produção dos folhetos, é possível atingir diferentes leitores e contribuir para disseminação da cultura local e de assuntos da atualidade.

O surgimento do folheto de cordel nordestino, une todo um processo cultural oriundo de séculos anteriores. Com essa preservação cultural, levando em consideração o conteúdo tradicional europeu, que ao passar do tempo, funde-se com diferentes aspectos culturais, sofre influências do cenário atual vivido, passa a transformar-se ao inserir uma nova cultura com suas próprias manifestações. Desse modo, os poetas ao produzir novos textos, levam em consideração todo esse processo cultural que se mistura com um novo processo de reelaboração, com novos elementos atuais que fazem parte da história do povo brasileiro.

No cordel nordestino, Cristina Evaristo (2001, p.119) afirma: “Predominam, nos textos produzidos, as misturas de elementos da literatura erudita ocidental aliados às características próprias e particulares históricas do sertão nordestino.”. Nessas produções, destacam-se as narrativas reais ou imaginárias, com o uso de uma linguagem simples, coloquial e cotidiana. Mesmo trazendo traços da oralidade, a Literatura de Cordel se concretiza por meio da produção escrita, conhecida como literatura popular escrita.

O grande segredo da literatura de cordel talvez seja – e deve ser – a sua participação no mundo ao qual se dirige. O folheto popular não é uma leitura alienada ou de simples lazer. Consegue ser algo mais. É a voz do povo em linguagem de povo. É veículo, interpretação e defesa de seus interesses, problemas, temores, protestos. (LESSA, 1983, p. 1)

## **5. A representação da mulher na Literatura de Cordel**

Nos cordéis, produzidos até meados do século XX, a mulher era representada como uma figura inferior ao homem. A ridicularização, o rebaixamento a seu valor humano era algo que demonstrava um sistema social de origem patriarcal, traçado por um discurso ideológico, muitas vezes, impregnado por um discurso machista. Dessa forma, reserva-se à personalidade atribuída a mulher, um olhar arcaizante, conservador recriado em épocas distintas.

### **5.1. A mulher na sociedade patriarcal**

A visão arcaica da mulher até o século XX e perdurada até os dias atuais, é reflexo de uma sociedade patriarcal, criada na literatura medieval. A figura da mulher está ligada a um pensamento tradicional, voltado para o preconceito associado à submissão masculina e à ideia de que a sociedade, conduzida pelo cristianismo, tinha a mulher como um ser inerente ao pecado.

Na produção literária de Leandro Gomes de Barros, “O sofrimento de Alzira”, encontramos uma mulher aristocrática que além de uma beleza imensurável, é caridosa e muito temente a Deus. Com um pai ambicioso é ofertada em casamento a um de seus primos. A poesia do cordelista não foge da ideia conservadora e patriarcal do período de produção.

Alzira disse: eu não caso  
Pois me faz repugnar  
Disse o conde: pois de mim  
Não deves nada esperar  
De hoje em diante até a benção  
Eu não hei de te botar  
[...]  
Então disse Alzira ao pai  
Que aceitava o casamento  
Dizendo: meu pai, aceito  
Com gosto meu sofrimento  
Seja por Deus tudo isso  
Vou começar meu tormento.  
(BARROS, 2004, p.134)

No período patriarcal, com influência do cristianismo, as mulheres, desde novas, passam por uma vida em um regime tutelar, submetem-se ao poder do pai e depois do casamento vivem em total obediência ao marido. Uma total submissão da mulher ao homem que contribui para



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

uma vida de opressão. Como podemos ver na obra analisada, Alzira demonstra repugnância pelo casamento e tenta não aceitar a proposta apresentada pelo pai, porém por dever obediência e seguir os preceitos religiosos, aceita o casamento mesmo sabendo que terá uma vida de sofrimento e de tormentos.

No âmbito da sociedade, a mulher não obtinha nenhum direito, arranjar um casamento era livrar-se de muitas opressões, estereótipos e julgamentos excludentes. A mulher que não se casasse, tornaria motivo de desonra para a família, pois não representava a plenitude de ser mulher. O não casamento, ou seja, a vida de solteira, só era bem vista pela sociedade, se ela fosse para o convento e viver em sintonia com Deus. Quando isso não ocorria, a mulher não representava sua feminilidade e era condenada por não ter filhos e por não ter uma vida em plena comunhão com Deus.

De acordo com Emília Viotti da Costa (2007, p. 522), a ideia patriarcal era de fundamental importância para o crescimento das elites imperiais, que controlava o monopólio de terras, a força de trabalho e o grande poder político dos homens que faziam parte do grande império. Por isso, a mulher era excluída, repreendida e marginalizada, uma vez que todos os direitos voltavam-se para a hierarquia masculina. Dessa forma, os casamentos arranjados, inclusive com entes da própria família, garantiria a continuidade do sistema familiar.

Na sociedade patriarcal, temos a valorização do homem como ser central e primordial para o andamento da família e tomada de decisões. O patriarcado, tinha todo o domínio sobre a vida da esposa e dos filhos, sendo que a ele competia a escravização da mulher e até mesmo dos próprios filhos. A estimativa e o respeito da mulher pelo o homem era algo obrigatório e garantia uma vida com menos sofrimento. No folheto “O valor da mulher”, de João Martins de Athaydes, um dos maiores poetas populares do Brasil, podemos ver esse poder patriarcal sobre a mulher.

Basta um só homem acompanhar  
dez mulheres que andem de viagem  
para todas seguirem com coragem  
conversando e sorrindo a bel folgar  
já por isso a mulher deve estimar  
ao homem, com gosto e com fervor  
pois o homem lhe tira o mau pavor  
e lhe traz o sossego e alegria  
a mulher deverá ter simpatia  
ao homem e honrar o seu valor.  
[...]

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A mulher que pensar não desrespeita  
Ao homem, inda sendo dela filho  
Visto o homem tirar todo empecilho  
Da mulher que ele se sujeita  
Inda sendo a mulher muito perfeita  
É mister ter qualquer homem por ela  
Pra impor que já não se zomba dela  
Com escarnio, com mofa e picardia  
Pois o homem é santa garantia  
Da mulher velha, moça, feia ou bela.  
[...]  
Lembro a toda mulher que quiser  
Possuir ao seu lado um bom marido  
Não procure trazê-lo constrangido  
Isto é, rebaixado a seu mister  
Pois o homem será contra a mulher  
Que costuma falar muito exaltada  
Visto o homem ter força sublimada  
Pra fazer-se honrar o seu respeito  
Já se vê que ferido em seu conceito  
Toma as formas de fera indignada.  
(BARROS)

A ideia patriarcal no cordel de Barros é tão machista e ideológico que coloca a mulher em estado extremo de submissão. O homem é tido pelo autor como garantia de preservação da identidade da mulher por meio do silêncio, da humilhação e da abdicação até mesmo dos seus direitos. O desrespeito ao patriarcado, era motivo de desonra a masculinidade do detentor do poder e feria toda a ideias impregnadas na sociedade. Dessa forma, a mulher submissa, incapaz, inferior, não tinha direito algum sobre o marido e tão pouco nas tomadas de decisões. Como diz o texto analisado, deveria manter-se em silêncio, para que não sofresse punições e maus tratos pela fera considerada forte e de supremo poder.

### ***5.2. A recriação e renovação da visão da mulher***

Na Literatura de Cordel, todo esse olhar arcaico, conservador e patriarcal passa por um processo de mudança – recriação e renovação – na visão de muitos cordelistas. Segundo Barbosa(2010), Franklin Maxado<sup>185</sup> é um dos cordelistas que começa a realizar essa mudança tão necessária no olhar sobre a mulher na poesia de cordel. Em seus textos, busca

---

<sup>185</sup> nasceu em Feira de Santana, na Bahia, e é advogado, mas optou por dedicar-se exclusivamente à literatura de cordel.

uma ótica mais contemporânea, obtendo um olhar diferenciado sobre os acontecimentos a partir do que é provocado na realidade. Para Stuart Hall (2000, p. 21), “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado”. Segundo Barbosa<sup>186</sup> (2010), podemos analisar uma das obras de Franklin Maxado da seguinte maneira:

No cordel “*O japonês viu o que a baiana tem*”, há uma sequência em que é desenvolvida a gravidez, o parto e a descrição do comportamento do filho. Todavia, no início do folheto, o cordelista não critica uma gravidez solitária, mas admite o direito da mulher de ter uma produção independente. Narra como a protagonista escolhe um japonês “civilizado” para ter o papel de macho reprodutor e como o comportamento de seu filho assemelha-se ao de um trickster que perde a conotação negativa presente no segundo capítulo, representando uma brincadeira em relação ao contato entre culturas distintas. Há, então, um humor gerado a partir de uma nova abordagem em relação às mudanças do final do século XX que adentram no texto, renovando estereótipos. (BARBOSA, 2010, p. 55)

A partir do século XX, uma nova visão da mulher, na Literatura de Cordel, começa a fluir. Os poetas passam a reinventar novos estereótipos femininos, derrubando muitas ideias conservadoras sobre o papel da mulher na sociedade. A imagem construída pelo poeta Dantas<sup>187</sup> (2010) no folheto “A mulher que vendeu o marido por 1,99”, faz uma reflexão sobre a imagem da mulher na sociedade patriarcal e a nova imagem construída a partir do século citado.

[...]

Acabou-se aquele tempo  
em que a mulher com presteza  
se fazia para o homem  
artigo de cama e mesa  
a mulher se fez mais forte  
mantendo a delicadeza.

Não é mais “mulher de Atenas”  
nem “Amélia” de ninguém  
eu mesmo sempre entendi  
que a mulher direito tem  
de sempre só ser tratada  
por “meu amor” e “meu bem”.

---

<sup>186</sup> Análise mais aprofundada encontrada na tese de doutorado de Clarissa Loureiro Marinho Barbosa: “As representações idenitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI.

<sup>187</sup> é paraibano de Patos. Agente cultural — autor de teatro popular, poeta cordelista e declamador.

Hoje o trabalho de casa  
meio a meio é dividido  
para ajudar a mulher  
homem não faz alarido  
quando a mulher lava a louça  
quem enxuga é o marido!  
(DANTAS, 2010)

A produção literária analisada tem o objetivo de mostrar as mudanças ocorridas na sociedade em relação a imagem conservadora da mulher propagada por um longo período e que hoje ganha um novo rumo. Com base no texto, podemos refletir sobre essa mulher oprimida e silenciada pela visão machista da sociedade que diante de toda opressão viveu sem voz e presa em obrigações impostas pelo marido machista e autoritário. Nesta obra, temos uma mulher, que mesmo sem fugir da ideia de “dona de casa”, passa a ter voz e a expressar os seus anseios diante de uma sociedade tão perversa e machista.

### ***5.3. Mulher falando de mulher***

Muito outros escritores, também assumiram a postura de desmitificar esse perfil de mulher submissa que vivia em meio a opressão e desmoralização perante a sociedade. Além de um novo olhar pelo homem, a literatura de cordel passou a contar com produções também de mulheres que retratam os sofrimentos vividos desde o período patriarcal até os dias atuais. Mulheres, escritoras, poetisas que utilizam da escrita para dar um grito de liberdade e mostrar para toda humanidade que precisa ser respeitada e valorizada. Isso podemos ver no cordel “Maria das Tiras” de Maria Ilza Bezerra<sup>188</sup>, inspirado numa mulher abandonada nas ruas de Teresina.

[...]  
“Sou nada pra burguesia  
Eu passo por imbecil  
Meu valor é mascarado  
Sou de um povo varonil  
Posso mostrar para o mundo  
Esta face do Brasil!”

---

<sup>188</sup> nasceu no dia 22 de dezembro de 1959, na cidade de Fronteiras, Piauí, utiliza o cordel como seu porta-voz, sendo premiada com “*A Produção Poética – Projeto Vídeo Escolla*”, em Maceió, Alagoas, no ano de 1998.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Eu não sou nenhuma louca  
Sou de um tipo diferente  
Tenho a minha identidade  
Tenho um jeito persistente  
E nessa minha linguagem  
Eu posso gritar: SOU GENTE!

Essa voz não se cala  
Parece até uma miragem  
Mas essa mulher humilde  
Demonstra muita coragem  
O sertão está no sangue  
Com essa sua roupagem...  
(BEZERRA, 2019, p. 10-11)

No folheto “Maria das tiras”, de Maria Ilza Bezerra, a autora descreve uma mulher sofrida, vítima do descaso, mas que deseja ser respeita. O grito brado e forte “SOU GENTE!”, corresponde a ideia de que a mulher, seja ela como for, tem a sua identidade e seu valor e que mesmo a sociedade ainda a subjulgando, mascarando seu valor, mostra-nos a sua garra e a sua força para conquistar seu espaço. Uma voz que não se cala diante de tantas humilhações, de tanto descaso e desrespeito.

De fato, os preconceitos contra as mulheres vêm de longe; e circulam nos mais diversos níveis de ideologia dominante. Estão confortavelmente instalados nos provérbios populares, na moral tradicional, em antigos costumes, na letra dos sambas (das músicas); mas também passeiam com desenvoltura pelas obras dos filósofos e dos grandes escritores. (KONDER, 2009, p. 158)

Uma outra escritora que tem utilizado o cordel para representar esse novo olhar sobre a mulher é Jarid Arraes<sup>189</sup>. Além de muitos folhetos repletos da valorização feminina, publicou também a obra “Heroínas negras: brasileiras em 15 cordéis”. A autora faz reviver a história de mulheres, representantes negras, esquecidas e ocultadas com a discriminação e a desvalorização. Vejamos trechos de alguns dos cordéis presente na obra analisada.

Quem escreve a história  
Lá nos livros registrada  
É a branquitude cega  
Do racismo idolatrada

---

<sup>189</sup> Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), é escritora, cordelista e poeta curadora do selo literário Ferina, atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o clube da escrita para mulheres e tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

E pra completar o quadro  
A mulher é rejeitada.  
(Dandara dos Palmares, p. 6)

Esquecidas da História  
As mulheres inda estão  
Sendo negras, só piora  
Esse quadro de exclusão  
Sobre elas não se grava  
Nem se faz uma menção.  
(Maria Felipa, p. 1)

Em seus cordéis, Jarid Arraes (2017), enfatiza as lutas pelo fim da escravidão, o direito pela educação e pelo ato de escrever, dentre muitas outras. A obra em si, possibilita ao leitor rememorar um passado de lutas e sofrimentos que marcou a identidade feminina. Antonieta, Luiza Mahin, Tereza de Bengala, Dandara dos Palmares, e muitas outras mulheres são destacadas nos cordéis, por desempenharem um papel importante na representação da mulher na história de lutas e de grandes conquistas afim de serem finalmente reconhecidas.

### **6. Considerações finais**

As ideias apresentadas nesse artigo, possibilitaram compreender os olhares diferenciados à mulher desde o período patriarcal até a atualidade. Conhecer essa trajetória, nos faz refletir sobre o importante papel da mulher na sociedade, desmistificando o olhar conservador e patriarcal imposto por um longo período.

A leitura literária é o caminho ideal e certo para reflexões que nos leva a conhecer e entender o que se passa no mundo, principalmente ao nosso redor. Paulo Freire já dizia: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A Literatura está por toda parte, de maneira significativa, somos levados por ela a compreender o outro e a nós mesmo por meio do diálogo.

A Literatura de Cordel, além desse diálogo, nos possibilita, ainda, um contato mais próximo com assuntos a nossa volta. A exploração de uma temática diversificada, relacionada a nossa realidade e de acesso a todas as camadas sociais, facilita a formação de leitores mais engajados, uma literatura como prática social e humanizadora.

Uma das temáticas analisadas nesse artigo, foi à representação da mulher na Literatura de Cordel. Com base no que foi apresentado, perce-

bemos que a mulher, ao longo do tempo, foi representada nos folhetos, seguindo as concepções ideológicas presentes em diferentes contextos. A sociedade patriarcal levou os escritores a produzirem textos apresentando uma ideia machista e discriminatória ao papel da mulher na sociedade.

Em muitos folhetos, encontramos uma mulher estereotipada, submissa ao marido. O homem “macho”, “fera” era detentor do poder, tratava-a como uma ser sem voz e nem vez, ao qual deveria obediência e compreensão. Porém, a partir do século XX, alguns autores começaram a representá-la com outro olhar. A luta pela queda dos estereótipos e igualdade de direitos passaram a fazer parte de muito cordéis, produzidos por homens e também por mulheres cordelistas que aos poucos vão ocupando novos espaços na literatura.

Conhecer essa trajetória, levando em consideração todas as opressões, humilhações, desvalorizações e sofrimentos da mulher na sociedade patriarcal, nos faz refletir sobre o grande papel dessas guerreiras na atualidade. Sabemos que os estereótipos, a desigualdade, o silêncio, ainda estão presentes em nossa sociedade, porém, entender tudo isso e colocá-los no lugar do outro, contribuirá com a formação crítica e participativa de muitos outros leitores. Assim, a voz forte, o grito de liberdade e de direitos iguais para todos terá um real sentido na construção de uma sociedade mais justa que realmente respeite e valorize a mulher em todos os sentidos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Helder Pinheiro. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. In: *Boitatá Revista do GT de Literatura Oral e Popular da AN-POLL*, n. 05, jan-jul de 2008.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI. In: *Depositorio digital da UFPE*. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7441>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

BARROS, Leandro Gomes de. *O sofrimento de Alzira*. Domínio Público. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=5447](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5447) Acesso em 19 de novembro de

2019.

\_\_\_\_\_. *O valor da Mulher*. Domínio Público. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_actio n=&co\\_obra=5452](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=5452). Acesso em 19 de novembro de 2019.

BEZERRA, Maria Ilza. *Maria das Tiras*. Terezina: Rima, 2019.

BRANDÃO, Helena Nagamine. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-84

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, EmiliaViotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 2007.

DANTAS, Janduhi. A mulher que vendeu o marido por 1,99. In: *Caderno de poesias e afins*. Disponível em: <http://cadernodepoesiaseafins.blogspot.com/2012/08/cordel-mulher-que-vendeu-o-marido-por-r.html>. Acesso em 12 de novembro de 2010.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KONDER, Leandro. *O Marxismo na Batalha das Ideias: Zuleika, o Marxismo e o Feminismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LESSA, Orígenes. Nota introdutória. In: *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 1-14.

SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8 ed. Coimbra: Livraria Almeida, 2007.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. *O mito na Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. de Jerusa Pires



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Ferreira *et al.* São Paulo: Educ, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira *et al.*  
São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira.  
São Paulo: Companhia das Letras, 1993.